
Utopia e Ucronia:

Concepções da Sociedade Futura

Serge Bernstein

A história das sociedades humanas é marcada por rupturas e por formação de novas formas de sociedade. Os seres humanos acabam produzindo concepções referentes a possíveis sociedades futuras, seja sob a forma de ficção, seja sob a forma política, ligada a projetos políticos ou mesmo preconcepções (que podem ser sombrias). Concepções da sociedade futura significam concepções sobre outras formas de sociedade que irão suceder a sociedade atual (ou seja, seriam sociedades pós-capitalistas) ou então seriam desdobramentos da atual sociedade, mas com mudanças radicais. Existem duas possibilidades de concepção da sociedade futura, a concepção otimista e a concepção pessimista: a utopia ou a ucronia. Claro que do ponto de vista político, o normal é aceitar as duas possibilidades, pois a concretização delas depende das lutas na sociedade presente. No entanto, no mundo da ficção, os criadores optam por uma ou outra possibilidade. Isso coloca em evidência a necessidade de refletir sobre as duas concepções da sociedade futura e suas manifestações no mundo da ficção.

Mas antes de começarmos a discutir estas duas concepções, é preciso lembrar a existência de uma forma de pensamento a-histórico. Este é o caso das concepções que não reconhecem a historicidade da sociedade atual, e, que, por isso, pensam numa sociedade sem história, sem futuro, sem fim. Esta é a concepção de Augusto Comte e sua ideologia dos três estados, sendo que o estado atual, positivo, científico, racional, é o último da história, ou então em Hegel, ou, mais recentemente, em Fukuyama. O pensamento anistórico é um pensamento burguês, vinculado aos interesses da classe capitalista e por isso o descartamos de nossas reflexões em sua forma mais explícita.

O que é utopia? Um nome muito utilizado e pouco compreendido. A origem da palavra é um romance de Thomas Morus, cujo título é justamente *A Utopia*. A obra apresenta uma sociedade fictícia, uma ilha, na qual os problemas sociais da sociedade da época de Morus eram resolvidos, a partir da concepção que ele elaborou. A Utopia era uma ilha na qual se realizaria os desejos de Morus voltados para a formação de uma sociedade justa. A primeira parte da obra é uma crítica à sociedade inglesa de sua época e a segunda parte é a descrição de uma outra sociedade, existente na ilha de Utopia. Assim, a utopia significa uma negação da sociedade presente, uma crítica dela, e, simultaneamente, um projeto de uma nova sociedade. O pensamento utópico, que emergirá com os chamados “socialistas utópicos” reproduz essa característica simultaneamente crítica e propositiva. Isso estará presente também no principal crítico do utopismo, Karl Marx.

A diferença entre Marx e os utopistas é mal compreendida. No fundo, Marx não discordava da crítica da sociedade capitalista e nem da necessidade de uma nova sociedade. O que ele discordava não era da utopia e sim do utopismo, um conjunto de doutrinas e concepções fantasiosas sobre a sociedade futura e de como chegar a ela. A crítica da sociedade capitalista dos utopistas, pode, em muitos casos, deixar a desejar, mas o grande problema deles é que concebem sob forma fantasiosa o processo de transformação da sociedade atual na sociedade futura. Da mesma forma, concebem a sociedade futura de acordo com seus planos e desejos e não por uma análise mais profunda dos seres humanos, suas necessidades, as tendências históricas, as contradições e bases sociais existentes na sociedade atual, entre outros processos. Esse elemento idiossincrático já estava presente em Morus.

A utopia, nesse caso, significa tanto o projeto de uma sociedade futura quanto uma “mentalidade”, tal como colocará posteriormente o sociólogo Karl Mannheim. O termo “mentalidade” não parece ser exato e um termo mais maleável como “pensamento” seria mais preciso. A Utopia é, portanto, uma concepção da sociedade do futuro e o pensamento utópico (ou a utopia como pensamento) é uma concepção crítica do mundo atual que projeta a sua substituição por uma nova sociedade para o futuro. O seu empobrecimento ao ser transformado em modelo, ao se distanciar das condições de realização, entre outros problemas, é o utopismo.

Depois de Mannheim, o filósofo Ernst Bloch elaborou uma teoria da utopia. Ele fez a importante distinção entre utopia concreta (o marxismo) e utopias abstratas (o utopismo), entre outras reflexões importantes sobre a utopia, apesar de certo filosofismo

e também uma concepção demasiada ampla e fortemente imposta à realidade de elementos utópicos onde nem sempre é possível enxergá-los. Muitos outros trataram de utopia, mas nossa reflexão não é sobre as concepções de utopia e sim sobre as imagens de uma sociedade do futuro em que a felicidade estaria no horizonte da humanidade e sua relação com a outra forma de conceber tal sociedade, a que antevê uma sociedade ainda pior do que a atual.

Conceitualmente, utopia é uma forma de pensamento que efetiva uma crítica da sociedade presente e apresenta um projeto alternativo de sociedade futura. Ela é um “lugar nenhum” (seu significado etimológico), pois não é uma sociedade do presente, e sim aquela que, como Thomas Morus, aspiramos (e, ao contrário dele, também esperamos). Etimologicamente, a utopia remete para um caráter espacial, mas seu significado é temporal. A utopia nasce através de uma obra literária e várias outras utopias literárias vão surgir, como *A Cidade do Sol*, de Tomaso Campanella e *Nova Atlântida*, de Francis Bacon, entre diversas outras.

As utopias literárias são mais idiossincráticas do que as utopias sociais, embora essas também possam ter alta dose de idiossincrasia. As utopias sociais surgem com o capitalismo¹ e suas primeiras expressões, ainda sob forma embrionária e com alto grau de generalidade, são as utopias camponesas, das quais Thomas Münzer será uma expressão. O desenvolvimento das utopias literárias acaba tendo um efeito de ampliar as utopias sociais e fornecer-lhe mais elementos para reprodução e ampliação. Os socialistas utópicos vão proporcionar as utopias sociais mais desenvolvidas e os falanstérios de Charles Fourier, as cooperativas harmônicas de Robert Owen, são dois bons exemplos, no qual não apenas se projeta uma nova sociedade, como a pensa como possível e se luta por ela. No caso de Owen, houve a tentativa de sua concretização, cujo fracasso total encontra suas raízes na incompreensão da sociedade presente e sua força de reprodução.

Quem superou esses limites foi Marx, que ao invés de fazer planos detalhados sobre a sociedade futura, fez algumas indicações e se dedicou mesmo a compreender a sociedade presente e como ela tende a gestar a sociedade do futuro. O teórico do comunismo elaborou uma teoria do capitalismo e das lutas de classes como processo que engendra as transformações sociais e permitem/possibilitam a nova sociedade

¹ Alguns autores são bastante imprecisos com a ideia de utopia e por isso podem enxergar utopia onde ela não existe. Esse é o caso daqueles que consideram *A República*, de Platão, como uma obra utópica. Contudo, ela nada tem de utópica, apenas trata de mudança de governo e propõe uma proeminência dos filósofos.

comunista. O anarquismo não conseguiu superar o seu caráter utopista e assim pouco contribuiu, no plano intelectual, para a realização da utopia. Proudhon não conseguiu se livrar da força das ideias da sociedade capitalista, bem como os anarquistas individualistas e sindicalistas. Apenas aqueles que foram chamados de anarco-comunistas e anarco-coletivistas é que conseguiram avançar na constituição de utopias sociais reais. Contudo, não conseguiram efetivar uma compreensão mais profunda da sociedade presente e nem das tendências que apontam para a sociedade do futuro.

Após o século 19, a hegemonia burguesa acabou jogando um balde de água fria no pensamento utópico. O marxismo foi deformado e transformado em social-democracia ou em bolchevismo e uma das características dessa deformação é o adiamento da realização da utopia que foi enviada para as calendas gregas. O evolucionismo e gradualismo de uns encontram nas teses do “período de transição” dos outros o seu equivalente antiutópico. Isso começou a ser superado quando o movimento operário entra em cena com as revoluções iniciadas a partir do exemplo russo de 1917. Os casos alemão, húngaro, italiano, espanhol, mostraram a tendência histórica e as contratendências, um embate entre as forças da sociedade do futuro (e sua fragilidade, pois o movimento operário e sua luta entra em confronto não apenas com a classe antagônica, mas também como supostos aliados que não ultrapassam os limites da sociedade capitalista e assim freiam o movimento) e as poderosas forças da sociedade presente.

A derrota das utopias revolucionárias e a reação conservadora expressa no nazismo e fascismo, depois a guerra, desarticulou o sonho utópico e enfraqueceu sua tendência de realização. O capitalismo se reorganizou e através de um Estado intervencionista acabou garantido a estabilidade dos países capitalistas mais poderosos e exploradores em nível internacional. O movimento operário recuou e nesse processo as utopias foram reprimidas no mundo cultural e nas lutas sociais. Apareceram novas concepções limitadas e particularistas que não produziam utopias, mas apenas reivindicações dentro da ordem capitalista. A crise é a mensageira de uma nova onda utópica que aparece no final dos anos 1960. Embora o particularismo não tenha sido superado, tendências retomaram as utopias sociais e o marxismo renasce junto com a radicalidade de setores do movimento estudantil e do movimento operário, trazendo uma palavra nova, autogestão, para substituir uma outra palavra que tinha o mesmo significado, mas que foi deformado: comunismo. Esse processo logo começou a se

reproduzir com o termo autogestão, na qual as forças ideológicas da sociedade presente buscam deformar, retirar sua radicalidade e caráter totalizante.

Os discursos sobre o fim das utopias é retomado na atualidade, mas as utopias sociais renascem, com mais ou menos ambiguidade, dependendo do caso. As utopias literárias e em outras manifestações artísticas (especialmente no cinema) continuam sendo produzidas. A utopia ainda é uma força e tendência histórica e o seu sepultamento é apenas ideológico, no mundo das ideias produzidas pelas forças da sociedade presente. No entanto, a força das ideias dominantes se manifesta não apenas em ações estatais, repressivas, ideológicas. Elas também se manifestam naqueles que querem uma transformação e até naqueles que lutam por ela. Isso nos leva a buscar compreender a existência de três outros fenômenos culturais modernos: a pseudoutopia, a antiutopia e a ucronia.

A pseudoutopia é uma falsa utopia. A razão disso se encontra no fato de apontar para uma sociedade do futuro que seria melhor, mas estruturalmente é a mesma sociedade, na qual as “melhorias” podem ser duvidosas, problemáticas, pequenas alterações, etc. Este é o caso da “utopia behaviorista” de Skinner em *Walden II*. A sociedade é estruturalmente a mesma, o que mudou foi para pior, pois o behaviorismo passa a controlar tudo. A miséria da psicologia científica se transforma em miséria da utopia.

No plano literário e no mundo artístico em geral, a antiutopia emerge com aqueles que visam colocar a impossibilidade da utopia. A antiutopia é o contrário da utopia: apologia ou defesa da sociedade presente e crítica ou recusa da sociedade do futuro. A antiutopia apresenta um futuro marcado por uma superação parcial da sociedade atual e sua reformulação que é pior do que a existente. O que passaria a existir seria o totalitarismo, a miséria, a corrupção, a guerra. No fundo, trata-se de uma superação parcial, pois, na antiutopia, a sociedade futura é a sociedade do presente tendo algum (ou alguns) de seus elementos negativos transformados em elemento central da suposta “nova sociedade”. Assim, a antiutopia é uma crítica da sociedade do futuro e uma apologia ou defesa da sociedade presente.

Um fenômeno cultural mais importante é a Ucronia. Se a pseudoutopia é uma falsa utopia e a antiutopia uma recusa da utopia, o que é a Ucronia? A palavra Ucronia surgiu independentemente e sem relação direta com a utopia. Enquanto pseudoutopia e antiutopia mostram uma relação necessária, de falsificação e negação, respectivamente, a ucronia aparece com um significado bem distinto. Ucronia é muitas vezes definida por

sua etimologia (u: nenhum + cronía: tempo) ou pelo seu primeiro uso, por Charles Renouvier, em 1876, que denominou sua obra literária com este nome. No livro, Ucronia é, na verdade, anacronia, ou seja, uma história alternativa dentro da história passada.

Não é esse o significado que usamos aqui. Ucronia, aqui, significa uma fusão atemporal entre sociedade do presente e sociedade do futuro. Isso pode ocorrer sob duas formas. A ucronia pode ser uma projeção metafórica da sociedade presente na sociedade futura. Esse é o caso de diversos filmes, obras literárias, etc., que realizam a crítica da sociedade presente, capitalista, através de uma sociedade futura que é sua expressão metafórica. Os filmes *THX* e *Idiocracia* e a obra literária de Ray Bradbury, *Fahrenheit 451* (que depois sofre adaptação cinematográfica por Francois Truffaut), são exemplos desse procedimento ucrônico.

A ucronia também pode se manifestar através da dilatação dos problemas ou aspectos negativos da sociedade do presente na sociedade do futuro. Esse processo de dilatação é semelhante ao da projeção metafórica. O que diferencia um do outro é que a dilatação mostra uma tendência possível dentro da sociedade presente, no qual seus elementos negativos se tornam ampliados e na projeção metafórica temos a sociedade presente apresentada numa versão pior como sendo a sociedade do futuro. Essa diferença, no entanto, pode ser apagada dependendo da forma como isto é feito. A diferença mais importante é outra: é a intencionalidade do autor. Se o autor quer criticar a sociedade presente e para isso usa uma projeção metafórica, como no filme *Elysium*, ele se diferencia de outro que quer mostrar que a evolução da sociedade presente é num sentido destrutivo ou de deterioração das relações sociais, como é o caso de *O Tachão de Ferro*, de Jack London. As ucronias metafóricas tratam da sociedade presente através de uma suposta sociedade futura e as ucronias maximizadoras mostram a sociedade futura como derivada da maximização dos males da sociedade presente.

Esses são exemplos de ucronias ficcionais, literárias e cinematográficas. Existem, no entanto, ucronias sociais. O pensamento social ucrônico, no entanto, não faz apologia da ucronia e, por isso, ela é vista negativamente, mas como uma tendência ou futuro possível, apesar de indesejável. A ideia de uma sociedade ecofacista é uma das formas assumidas pelas ucronias sociais. O mundo pós-apocalíptico retrata em diversas obras literárias e cinematográficas expressam ficcionalmente o que as ucronias sociais apontam como tendência ou futuro possível.

Sem dúvida, um questionamento que pode ser feito é a razão do uso de ucronia ao invés de formas mais populares, como distopia ou cacotopia. Isso ocorre pela simples razão de que a ucronia não é uma antiutopia, tal como à sociedade atual. Muitos compreendem a distopia. A ucronia é um pensamento crítico da sociedade presente, tal como a utopia. A ucronia ao apontar a tendência ou a possibilidade de um futuro indesejável está realizando a crítica sociedade presente e colocando a necessidade de sua transformação para evitar a sua realização. A palavra distopia, além de sua possível relação com a utopia, num sentido de diferenciação e até mesmo antagonismo, engloba tanto a antiutopia quanto a ucronia, gerando mais confusão do que ampliando a compreensão.

Abordar a possível confusão entre antiutopia ou pseudoutopia com ucronia. A diferença entre ucronia e antiutopia é que a crítica da primeira é em relação à sociedade presente e a da segunda é em relação à sociedade futura. A crítica antiutópica é uma crítica burguesa e a crítica ucrônica é proletária. Essa diferença gera formas de construção literária distintas, apesar de algumas semelhanças. A sociedade do futuro, no caso da ucronia, é apresentada como algo negativo, tal como a sociedade do presente. Na antiutopia, a sociedade do futuro é apresentada negativamente por sua diferença em relação à sociedade atual. As ucronias sociais se distinguem das antiutopias sociais através das mesmas características existentes na diferenciação entre ucronias e antiutopia literárias.

A ucronia também se diferencia da pseudoutopia por que apresenta a sociedade do futuro criticamente e não apologeticamente. A ucronia social critica e teme uma evolução da sociedade capitalista num sentido ainda mais maléfico do que o seu estágio atual enquanto que a pseudoutopia, como a da sociedade da abundância de Rostow, faz apologia da tendência evolutiva do capitalismo.

Em síntese, o pensamento ucrônico, assim como o utópico, realiza uma crítica da sociedade presente. Contudo, falta-lhe um projeto alternativo de sociedade, pois a sociedade do futuro é o capitalismo reformulado e piorado. No entanto, é possível distinguir entre ucronia pessimista e ucronia otimista. A ucronia pessimista apenas mostra um futuro sombrio, enquanto que a otimista mostra luta e resistência, o que significa a possibilidade de outra transformação, agora num sentido positivo. A ucronia social também pode ser pessimista ou otimista. No primeiro caso, não vê nada mais além do que uma sociedade futura que é um capitalismo reformulado e piorado ou outra forma de exploração e dominação (modo de produção estatal, ecofascismo, etc).. No

segundo caso, vê esse capitalismo reformulado e piorado como uma tendência que convive com a tendência utópica. Mas a ucronia, mesmo otimista, apesar de manter a chama utópica acesa, se mostra pessimista no sentido de jogá-la para um futuro longínquo e posterior a uma mediação de uma época sombria.

A utopia social é expressa por vários, indivíduos, tendências artísticas, correntes políticos enquanto que a ucronia social é apenas uma corrente de pensamento que observa uma tendência negativa na sociedade atual. As utopias sociais são militantes e as ucronias sociais são apenas previsões e alertas.

Essa reflexão sobre os conceitos de utopia e ucronia, bem como de outros próximos, são fundamentais para entender as utopias e ucronias literárias. As utopias literárias surgiram com o capitalismo e acompanharam sua história até os dias de hoje. As utopias literárias persistem. As ucronias surgiram posteriormente e hoje são mais numerosas que as utopias. Sem dúvida, para o cinema e outras manifestações artísticas, a ucronia é muito mais adequada, pois gera um problema que precisa solução. Apesar disso é sintomático a persistência da utopia e a primazia da ucronia. É o sintoma de uma sociedade em crise, em que o novo é desejado, mas que, pela falta de perspectiva concreta no horizonte, cede ao pessimismo e faz emergir a ucronia. O espírito utópico hoje convive com o espírito ucrônico e é o desenvolvimento histórico é a explicação para suas manifestações literárias. A responsabilidade sobre isso e sobre o futuro é a de todos os indivíduos da sociedade presente e cabe a nós buscarmos recuperar o espírito utópico e trabalharmos na ficção e na realidade por um novo mundo.